

EMPODERAMENTO PUTA: A PROSTITUTA NA PRIMEIRA PESSOA

Júlia Maria Sincero Nunes (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Patrícia Lessa dos Santos (Orientador), e-mail: jumasinu@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de Fundamentos da Educação/Maringá, PR

**Área e subárea do conhecimento conforme tabela do CNPq/CAPES:
7.08.01.00-2**

Palavras-chave: prostituição, feminismo, escrita de si.

Resumo:

A pesquisa apresentada parte da necessidade de um novo posicionamento historiográfico e epistemológico feminista que trate da prostituição através de suas reais protagonistas: as prostitutas. A partir disso, se tomou como fonte mulheres transgressoras e militantes, que narram suas próprias vivências, e/ou escrevem sobre a prostituição a partir de uma perspectiva feminista. Dentre elas, destacamos as produções de Margareth Rago (2013), Gabriela Leite (2008) e Amara Moira (2016), visando a inclusão da voz de mulheres na produção acadêmica brasileira. Para tal, se utilizou uma abordagem qualitativa feminista apresentada por Virgínia Olesen (2007), a qual se propõe a analisar as esferas subjetivas e interpessoais a partir das situações femininas, problematizando-as. Objetivando uma compreensão do fenômeno da prostituição sob uma perspectiva feminista libertária, o projeto utiliza como fonte diversas obras da autora brasileira Margareth Rago, tendo sido selecionada entre elas a obra *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* para o presente trabalho. Esse, deverá contar também com as contribuições de Gabriela Leite e Amara Moira, prostitutas que discorrem sobre suas experiências e militância em suas obras autobiográficas. Portanto, este estudo caracterizou-se por bibliográfico com foco feminista qualitativo.

Introdução

A prostituta, tratada como um “símbolo da desordem social, da imoralidade e da doença” (COLLING; TEDESCHI, 2015, p. 553) por políticos, médicos, cientistas, e religiosos, passa a ter sua existência debatida e ressignificada com a emergência dos Estudos Feministas na década de 1970. A Epistemologia Feminista dá abertura para a inclusão de debates até então silenciados para a produção de novos saberes plurais, diversos e subjetivos, ao contrário do modelo regulador estabelecido pela ciência moderna, e não

sendo apenas um empreendimento acadêmico, mas também político (COLLING; TEDESCHI, 2015, p. 197).

As prostitutas, nesse sentido, indubitavelmente, fazem parte da História das Mulheres, a qual propomos que seja repensada por seus protagonistas a partir do pensamento feminista, de forma que

De um lugar estigmatizado e inferiorizado, destituído de historicidade e excluído para o mundo da natureza, associado à ingenuidade, ao romantismo e à pureza, o feminino foi recriado social, cultural e historicamente pelas próprias mulheres. A cultura feminina, nessa direção, foi repensada em sua importância, descoberta em sua novidade, revalorizada em suas possibilidades de contribuição, antes ignoradas e subestimadas (RAGO, 2013, p. 25).

Para tal, acreditamos que devemos tomar como base a escrita de si, de forma que se analise a prostituição através de obras de cunho autobiográfico, tais qual as de Gabriela Leite e Amara Moira.

Materiais e métodos

Nossa pesquisa se caracteriza por ser bibliográfica e se utiliza dos procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa feminista, explicitada por Olesen (2007), o qual valoriza a alta diversificação e dinâmica da visão acadêmica feminista. A autora defende uma:

[...] possibilidade de uma pesquisa para as mulheres, e não simplesmente sobre as mulheres, através de ensaios teóricos e de uma variedade de modos qualitativos que empreguem combinações tanto de estilos experimentais quanto de estilos voltados para o texto (OLESEN, 2007, p. 219).

Desta forma possibilitando a abordagem a textos não explicitamente acadêmicos, tais quais as obras autobiográficas de Leite e Moira, que apesar de não estarem dentro do modelo regulador científico moderno, são uma fonte extremamente rica para a produção historiográfica pois,

[...] concentra-se no tema do ponto de vista das mulheres e conceitua o mundo cotidiano como problemático, ou seja, continuamente criado, influenciado e conhecido pelas mulheres dentro deste e de sua organização, a qual é influenciada por fatores materiais externos ou relações textualmente mediadas (Smith, 1987, p.81). Assim, ocupam papel central “as atividades de todos os dias e de todas as noites” das vidas das mulheres (OLESEN, 2007, p. 226).

Dentre a complexidade da pesquisa qualitativa feminista, devemos destacar, também, a aproximação entre a/o pesquisador/a e sua pesquisa, aonde a prática da ciência investiga as experiências vividas e destrói o mito de uma ciência social livre de emoções e abre espaço para a parcialidade e auto-

reflexividade sem perder sua validade científica (RICHARDSON, 1993, p. 695, apud OLESEN, 2007, p. 234).

Resultados e Discussão

As prostitutas, consideradas até então como uma resposta à miséria resultante da Revolução Industrial (COLLING; TEDESCHI, 2015, p. 553), tem sua vivência ressignificada com início do debate feminista no final dos anos 60 sobre os direitos sexuais e reprodutivos, causando uma transformação na ideia da prostituta-vítima, aonde as prostitutas passam a ser “[...] senhoras de seus próprios corpos, essas mulheres expulsaram os cafetões da zona da prostituição e assumiram elas mesmas a gerência de seus lucrativos negócios sexuais” (RAGO, 2008, p. 12).

Apoiando-se na visão Rago (2013), pudemos nos desvencilhar da historiografia misógina e higienista acerca da prostituição e nos permitimos olhar para esse fenômeno partindo das experiências e subjetividades relatadas por suas próprias protagonistas, por meio da escrita de si. Devemos destacar que a autobiografia, assim como a prostituição, sofre uma ressignificação quando debatida por Rago (2013) sob a perspectiva foucaultiana. Este, um gênero literário historicamente masculino, passa a ser aberto às mulheres para que suas subjetividades e vivências possam ser aplicadas não de forma confessional, como tipicamente utilizado, mas como forma de reafirmação e resistência contra as normas sexuais hegemônicas, as quais subjulga as mulheres que tratam sua sexualidade como forma de libertação (RAGO, 2013), tais quais são Leite e Moira.

Gabriela Leite (1951 – 2013), prostituta assumida em alto e bom tom, e militante pelo fim da violência sofrida na profissão, foi uma figura polêmica mesmo entre o meio feminista. Gabriela defende em sua autobiografia que a prostituição não é uma violência quando as pessoas entram nela por vontade própria, inclusive se revoltando quando há questões como o tráfico de mulheres e crianças para esse fim. Entretanto, também, não aceita a justificativa estar na prostituição baseando-se na necessidade de ajudar a família, de forma vitimista (LEITE, 2008). Amara Moira, militante travesti e prostituta, apoia a atual Projeto de Lei Gabriela Leite, e se mostra tão transgressora quanto a primeira ao criticar o feminismo radical abolicionista, dizendo:

As putas que querem ser putas, que gostam de ser putas, são um estorvo pró feminismo radical. Sendo abolicionistas, essas radicais se exasperam diante desse número crescente de putas que, empoderadas, querem sim regulamentar uma profissão para si próprias, que sabem reconhecer os abusos existentes nessa profissão, mas, ao mesmo tempo, acreditam-se capazes de superar esse estado atual de coisas e construir um espaço seguro onde exercer a atividade. Se hoje as condições em que se exerce a prostituição são horríveis, isso não quer dizer que essas condições são imutáveis, ou que temos que abrir mão da profissão pela dificuldade de enfrentar esses problemas:

quem está dentro, quem depende disso, luta por melhorias que esse projeto de lei é capaz de oferecer (MOIRA, 2014).

Tanto Gabriela, quanto Amara, nos demonstram a dualidade de opiniões sobre a prostituição dentro do movimento feminista, dividido entre as apoiadoras da regulamentação da prostituição e as abolicionistas, as quais veem a prostituição como uma forma de controle e dominação. Dessa forma, nos fazem perceber a importância que o estudo das escritas de si tem para a melhor compreensão das vivências ditas femininas, e na produção de novos saberes referentes a esses fenômenos.

Conclusões

A prostituição, vista até hoje como um problema de saúde pública, se mostra um fenômeno muito mais complexo ao ser analisado a partir das vivências descritas pelas próprias prostitutas. Muito além de ditar um binarismo entre certo e errado, moral e imoral, a historiografia deve ter uma preocupação maior em ouvir as protagonistas desse fenômeno sob uma perspectiva acolhedora e feminista, visto que a prostituição é parte indispensável para a (re)criação de uma História das Mulheres.

Agradecimentos

Agradeço a todas as mulheres feministas que, direta ou indiretamente, fazem parte da minha história, e que lutam todos os dias por um mundo melhor. Agradeço, também, ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa.

Referências

LEITE, G. S. **Filha, mãe, avó e puta**: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MOIRA, A. **As putas que querem ser putas**. 2014. Disponível em: <<http://www.eseeufosseputa.com.br/2014/11/as-putas-que-as-putas-querem-ser.html>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

OLESEN, V. L. Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio. In: DENZIN, N. K., LINCOLN Y.S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 219 - 257.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

COLLING, A. Maria, TEDESCHI, L. Antonio. **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p. 196 – 200.